

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio do Estado Class.: 623

Data: 17/07/84 Pg.: _____

Dourados: índio denuncia violências

4468
DO CORRESPONDENTE
EM DOURADOS

O índio Caiuá Jorge Paredes voltou a denunciar ontem o clima de violência na reserva indígena de Dourados, acusando o "capitão" Ramão Machado, que gosa da proteção da Funai, de ser o principal reponsável pela situação, que poderá levar à mortes.

Até agora, 12 famílias fugiram da reserva, temerosas de serem vítimas da "polícia" de Machado, disse Paredes, que confirmou o incêndio provocado na casa do caiuí, Lídio Assis e a de seu sobrinho, Celso Maciel, derrubada pelos capangas. Também a professora Clélia Faustino, irmã de Jorge, sofreu uma tentativa de homicídio no domingo passado, praticado por Julião Machado.

Segundo o indígena denunciante, esse clima é um efeito direto da conduta de Ramão Machado e seus seguidores

que, desde o seu contato com o novo presidente da Funai, Jurandy. Fonseca se fortaleceu "e continua praticando mais violência contra seus adversários".

Esse clima de intranquilidade foi comunicado à Delegacia da Polícia Federal, de Dourados, porém, esse órgão só intervirá se for solicitado pela Fundação Nacional do Índio.

VIOLÊNCIA

Na semana passada a casa de Lídio Assis foi incendiada por elementos ligados a Ramão Machado, afirmou Jorge Paredes. Confirmando as informações correntes na região, vários móveis foram queimados no sinistro. Para evitar maiores problemas, ele se mudou com a família para a aldeia do Panambi, em Dourados. Também a casa de Celso Maciel, sobrinho de Lídio, foi praticamente derrubada pelos capangas, armados, do "capi-

tão", acrescentou Paredes, que havia sido orientado pelo delegado regional da Funai, Chafic João Thomaz a não levar à imprensa esses acontecimentos, porque as providências seriam tomadas.

No total 12 famílias indígenas, a maioria caiuí, mudaram-se da reserva, como foi o caso também de Libânio Lulu, atualmente morando em Tauanay, pois foi ameaçado pelo grupo de Ramão.

No domingo passado, o "policial" identificado como Julião Machado disparou um tiro contra a professora Clélia Faustino, que leciona na escola da reserva, e andava pela estrada que dá acesso ao posto indígena. "Quando percebeu as intenções do índio, ela se atirou ao chão", disse Jorge Paredes.

Também a mãe de Paredes tem sido procurada pelo grupo liderado por Ramão. Ontem ela não pôde voltar para sua casa, porque "levaria

uma surra" se aparecesse no local.

O denunciante acusou também seu ex-aliado Fernando Jorge, líder da chapa "Verde" nas eleições de agosto do ano passado, que visa eleger o novo Conselho Indígena, de ter "se vendido", recebendo em troca um emprego na Funai, casa com aluguel pago pelo órgão e mais Cr\$ 500 mil. Todas essas mordomias tiveram como objetivo "fechar a sua boca contras as violências de Ramão".

Segundo Paredes, a situação se agravou mais porque a Polícia Federal só intervirá se a Funai pedir, "mas como o Ramão tem apoio do delegado regional e do Posto de Dourados, as coisas poderão ficar mais feias ainda". Ele afirmou que o chefe do Posto, conhecido como Izanoel, "sabe dos oito capangas do Ramão que prometeram me matar, mas ao invés de intervir, mandou que eu deixasse a cidade".



Ramão, muitas denúncias, nenhuma providência

Até a polícia está sendo acusada

Novas denúncias de perseguição e espancamento de indígenas no interior do Estado chegaram ontem a Campo Grande através do Grupo de Apoio ao Índio (Gain). No último dia 28 de junho policiais da Delegacia de Polícia de Dourados teriam agredido até sangrar o índio Sílvio Paulo, monitor de Saúde da Funai/PI de Caarapó em função de uma dívida que ele teria com um taxista daquele município.

Sílvio Paulo encontrava-se em Dourados para receber o seu salário no Banco do Brasil e como não conseguiu dinheiro

retornou a um local onde havia combinado carona de retorno à sua cidade. Nesse momento apareceu o taxista para qual o indígena devia 10 mil cruzeiros. Como não houve o pagamento da dívida o motorista denunciou o caso à polícia.

Já na Delegacia de Polícia conduzido por dois soldados no carro do próprio taxista, Sílvio Paulo sofreu espancamento no rosto sendo afetados sua face esquerda, olho esquerdo e lábios, além de chutes em suas pernas. Segundo relato do índio aos membros do Gain, apesar

dos pedidos para que as agressões parassem, um dos soldados afirmou que "estou acostumado a tirar de dois a três litros de sangue".

ÍNDIO BÊBADO

Depois de espancado o indígena foi preso numa cela junto com marginais e permaneceu lá por mais de 24 horas sem cama e alimentação. Colegas de Sílvio que intercederam por ele junto à Delegacia de Polícia ouviram dos soldados as acusações de que "o índio encontrava-se bêbado". Esta justifi-

cativa para o espancamento e prisão é contestada tanto por companheiros do índio como por membros do Gain, uma vez que ficaram caracterizados os motivos das agressões: a denúncia do taxista.

Para os componentes do Grupo de Apoio ao Índio, as autoridades policiais estão sendo contraditórias, pois "Sílvio é uma pessoa respeitadíssima por sua comunidade, tanto pelos serviços prestados à área de saúde como pelo apoio que dá aos índios da vila Juty, através de trabalho de enfermagem".